

AS REPERCUSSÕES DO NEOCONSERVADORISMO NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS BRASILEIRA

Eline Aparecida da Silva Lima - UFPE eline.lima@ufpe.br

Luciana Rosa Marques – UFPE/FUNDAJ luciana.marques@ufpe.br

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, temos acompanhado um processo de recrudescimento de forças políticas conservadoras em nível mundial, impulsionado pela polarização política entre esquerda e direita. No caso brasileiro, a crescente onda reflete a continuidade do racismo, militarismo, homofobia, machismo e patriarcado. Conforme Gaudêncio Frigotto e Sônia Ferreira (2023) destacam, autoritarismo e conservadorismo estão no DNA da burguesia brasileira.

Nesse sentido, o estudo em tela faz parte de uma pesquisa em fase inicial que versa sobre o avanço do neoconservadorismo no Brasil, materializado através das políticas públicas educacionais que fortalecem as estratégias neoliberais e o ataque à escola pública.

Enquanto percurso teórico, para compreendermos as repercussões do conservadorismo, temos recorrido às lentes analíticas a partir de Apple (2003) e Moll (2010, 2015) no contexto dos Estados Unidos e, no cenário brasileiro, temos recorrido a Lacerda (2019) para enfatizar as convergências do cenário estadunidense na conjuntura atual do Brasil.

De acordo com Apple (2003) na década de 80, nos Estados Unidos, houve a formação de uma aliança conservadora através da convergência de vários grupos conservadores incluindo, movimentos religiosos, empresários e, grupos de direita, que se opunham à ampliação de direitos e políticas sociais, em consonância com o ataque ao Estado.

A Aliança Conservadora apontada pelo autor, propõe uma tensa e provisória articulação entre os grupos filiados de maneira hegemônica, que ocasionou grandes repercussões no âmbito educacional, se materializando dentro da racionalidade

neoliberal por meio de mecanismo de controle e responsabilização, atravessados por pautas de ordem religiosa, moral e, principalmente, reacionária.

Estudos de Moll (2015) destaca que o termo neoconservadorismo, nos Estados Unidos, refere-se a um novo tipo de conservadorismo, sendo este fortalecido por princípios neoliberais. Ainda segundo o autor, o neoconservadorismo tem sua gênese a partir de um movimento intelectual, o qual reinterpreta e reconstrói a ideologia conservadora.

Nesse sentido, embora neoconservadores e conservadores se distanciem em alguns aspectos, “nutriam um sentimento antirrevolucionário e se opunham aos movimentos de contracultura e aos programas sociais” (Moll, 2010, p.68).

No Brasil, os estudos de Lacerda (2019) têm empenhado esforços na investigação entre aproximações e distanciamentos entre o neoconservadorismo brasileiro e o estadunidense. Para a autora, apesar das similaridades entre as características estadunidenses, o pilar estruturante do neoconservadorismo brasileiro é a direita cristã, em defesa da “família tradicional” e o fortalecimento de ideias punitivistas que, trouxe repercussões danosas à política educacional e à escola pública.

Portanto, a fotografia da aliança entre evangélicos, católicos conservadores, militares e ruralistas se materializou na Câmara dos Deputados e se converteu em políticas educacionais, passando a integrar o âmbito midiático de atuação por meio de uma comunicação ágil e desprovida de conhecimento. De acordo com Costa (2021), este conjunto de propostas não possui profundidade científica, seu propósito é claramente político e atende a um determinado projeto de sociedade.

Toda essa conjuntura corrobora com uma crise discursiva na esfera educacional, fortalecendo a fusão entre o poder público e o interesse privado, utilizando as intencionalidades conservadoras e o dinamismo dos mercados com a justificativa de anseios de ordem e interesse público.

2. DESENVOLVIMENTO

Um projeto educativo arquitetado dentro da racionalidade neoconservadora e neoliberal precisa estar condizente com seus princípios e valores que, apresentam a “retomada da tradição, da moral, da autoridade, do patriotismo, que, na perspectiva

conservadora, foram perdidas pela escola pública, dado seu caráter multicultural e democrático” (LIMA; GOLBSPAN; SANTOS, 2022, p. 14).

Nessas circunstâncias, a escola deve "atender" não apenas aos interesses do mercado, mas também aos da elite conservadora que se aproveita do discurso progressista de uma educação para todos. Na realidade, a equidade propagada apenas reforça as condições daqueles que já possuem oportunidades, e atribui aos agentes escolares a responsabilidade pelos resultados produzidos, conforme estabelecido nas diretrizes da Nova Gestão Pública.

Sendo assim, no contexto das políticas educacionais, essa tendência observada através das políticas de austeridade fiscal, sobretudo, a partir de 2016, aprofundou os desafios já existentes incorporando elementos de ordem econômica e moral. Nesse sentido, grande parte do “investimento” se dará por meio de arranjos que contribuirá para “intensificação do processo de privatização do público, retrocessos nas agendas das políticas públicas e, no campo educacional, por redirecionamento conservador das políticas” (Dourado, 2019, p. 11).

Toda essa conjuntura se alicerça em “diversos princípios conservadores, que podem ser vistos em ao menos três eixos de atuação: na gestão da escola, na disciplina e controle da rotina e dos conhecimentos escolares, e no ataque à diversidade” (LIMA; GOLBSPAN; SANTOS, 2022, p. 14).

Na esteira dessa realidade, de acordo com Oliveira (2020) as repercussões desse projeto educativo têm como intencionalidade: desviar as atenções dos reais problemas educacionais e sociais; atacar a autonomia docente e o pensamento crítico; instituir o medo e a desconfiança como mecanismo de controle; desarticular a resistência e castrar o pensamento crítico.

Deste modo, presenciamos campanhas com grande adesão que incitaram os estudantes a vigiar seus professores contra qualquer expressão político-ideológica; o movimento Escola sem Partido; a campanha contra a chamada Ideologia de Gênero; o Programa de Militarização das escolas públicas, o *homeschooling*, o Novo Ensino Médio.

Esses apontamentos reforçam a existência de uma crise educacional que precisa ser enfrentada através de um conjunto de reformas educacionais que fortalecem o pensamento conservador, a racionalidade neoliberal, e suas implicações junto à escola

pública, por meio de mecanismos de controle, repressão, terceirização, bem como cria novos paradigmas para a educação e à escola pública por um viés conservador/reacionário.

3. CONCLUSÕES

Em diferentes contornos, formas e ação, a onda conservadora tem impactado a educação brasileira. Portanto, é necessário analisá-la como uma tendência que não opera de forma hegemônica nem monolítica, mas como a construção de intencionalidades que se manifestam de fora para dentro da instituição de ensino e, infelizmente, também deve ser confrontada internamente.

As considerações ainda que preliminares desse estudo, diante o avanço do conservadorismo na educação, reforça a necessidade da defesa de uma educação que não pode ser a legitimação da desigualdade, da opressão, do controle. A partir da compreensão dessa corrente política-ideológica resultado de transformações e adequações do pensamento neoliberal e neoconservador, a escola pública e todos que nela atuam estão em risco.

Esse estudo buscará a partir desses e outros levantamentos, tecer apontamentos no contexto das políticas educacionais, ampliando as contribuições no combate à privatização da educação, tanto em sua proposta de mercado quanto neoconservadora.

4. REFERÊNCIAS:

- APPLE, Michael. **Educando à Direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade.** Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.
- COSTA, D. F. et all. As propostas “bolsolavistas” para a educação brasileira. ***Germinal: Marxismo e Educação em Debate***, Salvador, v. 13, n. 3, p. 275-305, dez. 2021.
- DOURADO, Luiz Fernandes. Estado, educação e democracia no Brasil: retrocessos e resistências. **Educ. Soc.**, Campinas, v.40, e0224639, 2019.
- FRIGOTTO, Gaudêncio & FERREIRA, Sonia Maria. **Cultura colonizadora e escravocrata, autoritarismo e ultraconservadorismo: o DNA da classe burguesa brasileira.** in: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). O ensino médio no Brasil e sua (im)possibilidade histórica. São Paulo: Expressão Popular, 2023
- LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro.** Porto Alegre: Zouk, 2019.

LIMA, I. G de L.; GOLBSPAN, R. B.; SANTOS, G. S. dos S. Mapeando o conservadorismo na política educacional brasileira. **Educar em Revista**, Curitiba, v.08. 2022.

MOLL, Roberto. **Reaganetion: a nação e o nacionalismo (neo)conservador nos Estados Unidos (1981-1988)**. 2010. 265 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

MOLL, Roberto. **Imaginando o “outro” e a nação nas relações internacionais: commentary magazine, the New Republic e o intervencionismo dos Estados Unidos na Nicarágua e El Salvador (1977-1992)**. 2015. 275 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, D. A. Políticas Conservadoras no Contexto Escolar e no Trabalho Docente. **Práxis Educativa**, v. 15, 1-18, 2020.